



As Manifestações no Brasil e a formação de redes sociais móveis no contexto da sociedade atual

The protests in Brazil and the formation of mobile social networks in the context of today's society

Sandra Henriques *

RESUMO

Este artigo propõe-se a compreender como as manifestações sociais no Brasil, ocorridas em junho de 2013, foram difundidas por meio das redes sociais na internet e como as tecnologias móveis de comunicação e informação tiveram papel chave na ampliação e potencialização dessas informações na sociedade brasileira durante os eventos, transformando-os em redes sociais conectadas por aparatos móveis. O artigo utiliza o método fenomenológico-hermenêutico (GAMBOA, 2002) como suporte para o questionamento acerca de como as redes sociais móveis podem ser observadas nas manifestações sociais ocorridas no Brasil em junho de 2013. O referencial teórico traz como aporte os estudos relacionados às redes sociais na internet (RECUERO, 2009), às tecnologias móveis de comunicação e informação (MANOVICH, 2005; SANTAELLA, 2013) e às manifestações sociais (CASTELLS, 2013), dentre outros. Durante o processo, foi possível observar que a utilização das tecnologias móveis de comunicação e informação foi fundamental para a ampliação e disseminação das manifestações sociais no Brasil e para a formação de redes sociais móveis.

Palavras-chave: Redes sociais na internet; Tecnologias móveis de comunicação e informação; Redes sociais móveis; Manifestações sociais no Brasil.

ABSTRACT

This paper tries to comprehend how the social protests that happened in June 2013 in Brazil radiated through social networks in the web and how mobile communication and information technologies had a key role in amplifying and empowering this information in Brazilian society during those events, turning them into social networks connected through mobile devices. This paper uses the phenomenological-hermeneutics method (GAMBOA, 2002) to support the question as to how mobile social networks can be observed in the 2013 social demonstrations in the country. The theoretical references stand on studies about online social networks (RECUERO, 2009), mobile information and communications technologies (MANOVICH, 2005; SANTAELLA, 2013) and social protests (CASTELLS, 2013), among others. During this process, it was possible to observe that the use of mobile information and communications technologies was essential to amplify and spread the social demonstrations in Brazil and to form mobile social networks.

Keywords: Social networks on the Internet; Mobile communication and information technologies; Mobile social networks; Social manifestations in Brazil.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Endereço: Rua Olavo Bilac, 781, 303, Santana, 90040-310, Porto Alegre – RS. Telefone: (51) 9292-6689. E-mail: henrisandra@gmail.com

INTRODUÇÃO

As tecnologias móveis de comunicação e informação vêm possibilitando novas formas de sociabilidade e de propagação da informação remetendo a outras percepções dos espaços urbano e virtual e possibilitando a formação de redes sociais móveis em nossa sociedade atual.

As redes sociais observadas na relação entre atores (pessoas, instituições e grupos) e suas conexões (RECUERO, 2009) são ampliadas devido à potencialidade destas tecnologias móveis de comunicação e informação (telefones celulares e wi-fi), que podem ser percebidas através das trocas de informações e das interações ocorridas em nosso contexto atual. A partir deste fato, uma organização social diferenciada pode ser percebida com a difusão de redes sociais móveis.

Este artigo se propõe a compreender através do método fenomenológico-hermenêutico (GAMBOA, 2002)¹, que se funda na relação entre o fenômeno e a essência, o todo e as partes, como estas redes sociais móveis podem ser observadas nas manifestações sociais ocorridas no Brasil em junho de 2013. Por meio de um processo de interpretação e de reflexão do pesquisador sobre o fenômeno estudado, as transformações percebidas demonstram que há uma nova apropriação dos espaços pelos indivíduos remetendo a estes novos significados e experiências que revelam as potencialidades das redes sociais móveis na sociedade atual. Para tal compreensão serão observados os conceitos e teorias de Bertolini e Bravo (2004), Simmel (2006), Santaella (2013), boyd (2012), Manovich (2005), Castells (2013) entre outros.

REDES SOCIAIS NA INTERNET

Salientar a importância das redes sociais nos processos de interação e socialização dos indivíduos na internet não é novidade, tampouco é algo desconhecido de pesquisadores e teóricos das mais diversas áreas do conhecimento.

Sabe-se que muitas das relações sociais atuais estão amparadas na construção dos laços gerados e desenvolvidos em redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Google+*, entre tantas outras que surgem a cada semana, umas mais polêmicas, outras menos, a maioria focada no entretenimento e outras mais focadas em conteúdos profissionais.

O que importa, neste momento, ao tratarmos das redes sociais na internet, é observar como esta exposição se dá em relação ao processo social que envolve os indivíduos, e sua busca por capital social gerado nestas redes. Segundo Bourdieu (1983), o capital social consiste em um conjunto de recursos potenciais que estão presentes nas relações entre as pessoas, associados ao pertencimento a uma coletividade. Buscar este capital é fundamental para que as relações se concretizem e que o indivíduo faça parte de um grupo e assim possa gerar uma reputação social perante as outras pessoas. Mas como é possível perceber este capital social?

Bertolini e Bravo (2004, p. 1-5) apontam algumas características que permitem compreender a troca de capital social: (a) relacional: é a soma das relações que conectam os indivíduos de uma determinada rede; (b) normativo: compreende as

¹ Para Gamboa (2002, p. 101), “um elemento é compreendido pelo sistema ao qual se integra e, reciprocamente, uma totalidade só é compreendida em função dos elementos que a integram”.

normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo; (c) cognitivo: compreende a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo; (d) confiança no ambiente social: compreende a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; (e) institucional: inclui as instituições formais e informais que se constituem na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as regras da interação social e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto.

Os pontos destacados por Bertolini e Bravo (2004) são importantes para que possamos compreender amplamente aspectos relacionados à geração de capital social. Agora, partimos para os aspectos relacionais que estão arraigados ao capital social e que são fatores fundamentais para que este se consolide nas relações sociais. A reciprocidade é um primeiro ponto a ser destacado pois, ao trocar informações, reflexões sobre assuntos cotidianos, os indivíduos constroem a interação de forma recíproca. A expectativa é um dos fatores principais da reciprocidade entre os atores sociais, levando muitas vezes à satisfação na interação entre indivíduos envolvidos. A reciprocidade está diretamente ligada à consolidação e manutenção do laço social entre os indivíduos nas redes sociais.

Os laços sociais entre os indivíduos são formados pelas conexões em redes sociais. Eles partem das interações e se dão de forma natural e espontânea, construídos de forma emocional (MAFFESOLI, 1996). Para Maffesoli, este laço social é revelado na confiança entre os indivíduos, percebido não somente nas conexões, mas no grau de intimidade entre eles.

Almejar a visibilidade diante do outro, com a construção de seu espaço de expressão, parece-nos um dos pontos fundamentais na construção de redes. Esta visibilidade está diretamente ligada à manutenção das redes sociais (RECUERO, 2009), amplificando os valores construídos entre os atores e gerando certa reputação social na rede. A reputação pode ser compreendida como a percepção que um indivíduo tem do outro no contexto das redes, sendo construída a partir das formas como eles se representam. É uma percepção da qualidade das interações relacionadas aos valores agregados nestas. Todo interagente reproduz conteúdos no ciberespaço, de forma a buscar conquistar a atenção dos demais. No entanto, esse processo pode não se dar de forma consciente, haja visto que a troca entre os sujeitos durante a interação pode ser realizada de maneira desproposital, apenas buscando a interação entre ambos, a valorização das conversas e trocas informacionais. Porém, consciente ou inconscientemente essa reputação se constrói a partir de certa credibilidade dos atores perante a rede social. Para Casare (2005, p. 24), “A principal questão que se coloca sobre as redes sociais é quem são as pessoas que o indivíduo conhece, enquanto nas redes de reputação a questão é por quais pessoas esse indivíduo é conhecido e o que pensam dele”.

Estes pontos enfatizam o fato de que as redes sociais são elementos em constante mutação no tempo, “redes são dinâmicas e estão sempre em transformação” (RECUERO, 2009, p. 79). Segundo a autora, o que potencializa esta dinâmica são as interações, “é possível que existam interações que visem somar e construir um laço social e interações que visem enfraquecer ou mesmo destruir outro laço.” (RECUERO, 2009, p.79). Durante a interação social os indivíduos possuem motivações que permeiam as trocas.

Como se produzem entre todos e dentro de cada um, os sentimentos acabam por se somar, em cada um deles, a uma

excitação que não se explica nem pela coisa, nem pelo indivíduo em si. (SIMMEL, 2006, p. 52)

Estas motivações podem ser chamadas também de engajamento. E este engajamento se traduz nas trocas entre os indivíduos que são partilhadas almejando algo que lhes é de vontade comum. Segundo Simmel (2006, p. 59), “a própria sociedade, em geral, significa a interação dos indivíduos”, e esta surge a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades compartilhadas. Estes interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana.

Com o desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação, estas redes sociais na internet passam a ser ampliadas utilizando, em conjunto, o espaço virtual e o espaço urbano – desenvolvendo um novo espaço, o híbrido, que é uma conjunção entre o ambiente físico e o virtual – durante o processo de interação. Os impulsos que levam os indivíduos a interagirem no ciberespaço são potencializados e levam ao que autores como André Lemos chamam de uma nova fase da cibercultura.

Nesta fase observamos a apropriação de novas mídias, desenvolvidas pela comunicação sem fio e pelos computadores ubíquos, portáteis e móveis, podemos compreender que estamos em meio a uma “mobilidade ampliada” que potencializa a dimensão física e informacional. (LEMOS, 2009, p. 29).

Pellanda (2005, p. 84) salienta que “com estas tecnologias, o ‘cordão-umbilical’ da internet fixa com as paredes se rompe e nasce uma rede nas ruas, nas praças e até em outros lugares entre paredes”. Nesse sentido, de levarmos a vida *always-on*, sempre conectados, Boyd (2012, p. 73) ressalta que

Estar conectado *always-on* não se trata apenas do consumo e da produção de conteúdo, mas também da criação de um ecossistema em que as pessoas podem ficar periféricamente conectadas umas as outras através de uma variedade de microdados.²

A partir destas conexões, o que nos interessa a partir de agora, é observar que tipo de rede nasce desta possibilidade de mobilidade ampliada, ubíqua, que nos permite observar os processos de sociabilidade potencializados a partir das tecnologias móveis de comunicação e informação.

REDES SOCIAIS MÓVEIS

O que diferencia as redes sociais móveis (RSM), das redes sociais na internet? Não há uma diferença, mas sim uma potencialidade de ampliação da interação e da informação circulante possibilitada pela mobilidade tecnológica advinda dos dispositivos móveis de comunicação e informação.

É importante observarmos como se dá esse processo, mesmo que de forma concisa, para que seja possível compreender qual a importância destas RSM para manifestações sociais ocorridas no Brasil em junho de 2013.

²Tradução da autora. Being *always-on* is not just about consumption and production of content but also about creating an ecosystem in which people can stay peripherally connected to one another through a variety of microdata.

Redes sociais móveis fazem parte daquilo que se aponta como uma rede social na internet, com algumas diferenças que serão apontadas a seguir. Segundo Recuero (2009) uma rede é constituída de atores sociais e suas conexões, interações. Uma RSM é também composta destes dois eixos, mas está inserida no contexto atual das tribos urbanas nômades³ (MAFFESOLI, 1996) que são fluidas, efêmeras, instáveis e unidas em um contexto social móvel. A grande particularidade destas redes é a hibridização dos espaços físico (cotidiano das cidades) e virtual (internet). Com o uso das tecnologias móveis conferem-se novas apropriações destes dois espaços, que acabam se tornando parte um do outro no dia-a-dia dos indivíduos.

Apesar de instáveis, nas redes sociais móveis a valorização emocional das relações se resalta, fazendo com que cada vínculo que um indivíduo construa com o outro, seja permeado de sentimentos de pertença sobre determinado contexto que os aproxima por escolha, e que os mobiliza em prol de algo em comum.

As RSM apenas existem em um contexto de ubiquidade tecnológica proporcionada, atualmente, pelos dispositivos móveis (telefone celular, tablet). A possibilidade de se comunicar a qualquer hora, em qualquer lugar amplia a capacidade de interação social e a comunicação nos espaços híbridos, uma intersecção entre os espaços físicos (cidades, espaços urbanos) e o espaço virtual (internet, ciberespaço). Santaella (2013) aponta que vivemos em uma fase de hipermobilidade, e que esta nos torna seres ubíquos, em constante mobilidade nos espaços. Lemos observa que as RSM “são sistemas de localização de pessoas criando possibilidades de encontro e/ou troca de informações em mobilidade através de smartphones” (2009). De certa forma, não concordamos com este conceito, pois, acredita-se que as redes sociais móveis utilizam sistemas inteligentes de localização, mas não apenas isso. Elas estão amparadas nas relações sociais e nos anseios de trocas, de interação entre os indivíduos de uma sociedade, e as tecnologias móveis são instrumentos que ampliam essas conexões. Sim, elas são fundamentais nesse processo, mas não definem o que são as redes sociais móveis.

As redes sociais móveis apresentam três eixos principais para que possam existir:

- a) Indivíduos: Os indivíduos são os responsáveis pelo desenvolvimento e existência das redes sociais, em qualquer tipo de espaço. A mobilidade tecnológica tende a ampliar essas redes que podem ser vistas como móveis, pois os indivíduos podem se comunicar em qualquer lugar, em qualquer tempo com qualquer outro indivíduo conectado no planeta.
- b) Tecnologias móveis de comunicação e informação: São estas tecnologias que possibilitam a mobilidade tecnológica – informacional e comunicacional - dos indivíduos nos tempos atuais. Elas têm papel fundamental no desenvolvimento de redes sociais móveis, pois é através destas plataformas que o indivíduo pode se deslocar de um espaço a outro, interagindo com outros que estão nos mesmos espaços físicos e com outros indivíduos que estão conectados aos espaços virtuais ao mesmo tempo.
- c) Espaços Híbridos: São formados pela intersecção entre os espaços físicos (cidades) e o espaço virtual (ciberespaço). É o espaço que passa a fazer parte

³ Algumas formas de agrupamentos que também podem ser vistas pela potencialização das tecnologias móveis de comunicação e informação são as *smart mobs*, grupos formados que se unem em multidões para realizar um conjunto de práticas com finalidades artísticas, ou até mesmo com um cunho ativista em relação a determinado fato. Elas são constituídas por pessoas que são capazes de agir juntas mesmo sem se conhecerem.

do cotidiano do indivíduo em mobilidade tecnológica. São novas percepções dos espaços que se definem com a potencialidade das redes sociais móveis. Os espaços híbridos podem ser vistos como uma produção social, estão amparados neste novo contexto e dão novos significados às cidades.

Com estas redes sociais, os indivíduos interagem não apenas entre si, mas também passam a interagir com os espaços híbridos; assim, os locais podem obter novos sentidos por parte do indivíduo. Para Manovich (2005, p.8) “as redes móveis têm de negociar a arquitetura de espaços que tentam habitar”. Os GPS, serviços de localização sem fio, tecnologias de vigilância e outras tecnologias espaciais aumentam os dados e definem os espaços – se não na prática, ao menos em sua imaginação – como um campo contínuo que se estende por completo e preenche todo o espaço físico.

Desta forma, pode-se definir que as redes sociais móveis são interações sociais proporcionadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação ocorridas no contexto dos espaços urbanos das cidades. As RSM têm características ampliadas dos demais agrupamentos e redes contidos na sociedade pelo fato de estas tornarem possível que os indivíduos acessem conteúdos na web enquanto estão em movimento. É o contexto móvel do qual a sociedade atual faz parte, que possibilita essa formação diferenciada. Há uma mudança de perspectiva, de ambiente de interação, aliada a uma nova percepção dos espaços.

Como características podemos enfatizar a) as RSM são dinâmicas, estão sempre em transformação, são transformadas não apenas pela interação, mas também pelos locais; b) a geografia da rede é alterada por meio do acesso *always-on*; c) as RSM impulsionam novo modelo de troca de informações, alterando o conteúdo da rede por meio da ação do indivíduo na publicação de informações; d) o uso de sistemas de geolocalização (GPS) têm papel fundamental na interação social e os conteúdos produzidos; e) as RSM valorizam as narrativas hiperlocais, elas estão em constante captura dos instantes, dos fatos e contextos referentes às localidades.

Outro contexto importante das redes sociais móveis é que os laços sociais gerados na interação entre os indivíduos são mesclados em estruturas fortes e fracas de conexão, não sendo mais tão determinados pelo distanciamento geográfico, devido ao fato de ser possível encontrar um indivíduo com o qual há apenas um laço fraco, e não um laço forte, através dos sistemas de geolocalização, podendo este, a partir de um encontro e trocas de informações, tornar-se um laço forte para o sujeito, ampliando de forma significativa o capital social. Nas RSM o capital social é almejado da mesma forma que nas demais redes sociais, porém ele envolve não apenas a interação dos indivíduos, mas também a interação destes com os locais da cidade.

MANIFESTAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL

O homem é um ser social, e a partir da interação com outros seres humanos constrói uma realidade social. A comunicação, nesse sentido, pode ser vista como um processo de construção da própria civilização. A cooperação é um dos aspectos que diferencia a sociedade humana da sociedade dos animais. Pensar as ações e intenções do outro e responder de modo apropriado é um primeiro passo na cooperação, é a essência da comunicação interpessoal – a resposta mútua. Essa cooperação pode ser vista durante as manifestações ocorridas no segundo semestre de 2013 no Brasil, quando mais de um milhão de pessoas foram às ruas cooperando

umas com as outras, em prol de um sentimento em comum relacionado às mudanças sociais.

Cooperar é fundamental para a manutenção da estrutura das redes sociais. O conflito, quase sempre um processo paralelo à cooperação, é fator igualmente importante. Recuero (2009) elenca que o processo de ruptura e agregação também são dinâmicas esperadas em grupos sociais. O conflito leva à ruptura, a cooperação à agregação.

Conceitos importantes como estes são fundamentais para que possamos observar o contexto das manifestações sociais que foram realizadas em 2013. Com base em um mesmo sentimento de pertença, milhares de pessoas saíram às ruas para protestar por um país melhor, ou pela vontade de se manifestar em prol de outro fato. Geralmente originados de uma crise no sistema social, as manifestações e movimentos são fundamentais para alavancar mudanças sociais. Castells (2013, pp 157-158) ressalta:

Os movimentos sociais muitas vezes são desencadeados por emoções derivadas de algum evento significativo que ajuda os manifestantes a superar o medo e desafiar os poderes constituídos apesar do perigo inerente às suas ações

Ao observar os movimentos sociais ocorridos em diversos lugares do planeta, como Tunísia, Egito, Espanha, EUA, entre outros, Castells (2013, p. 159-166) salienta que essas ações apresentaram diversas categorias em comum:

- a) São conectados em redes de múltiplas formas: o uso da internet e telefones celulares é fundamental. Inclui redes sociais on e off-line. “Embora os movimentos tenham, em geral, sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet” (CASTELLS, 2013, P. 160).
- b) Eles se tornaram um movimento ao ocupar o espaço urbano: Os movimentos que, em nosso contexto atual, geralmente têm origem nas redes sociais, tomaram as ruas. Castells remete esse processo a um espaço de autonomia, no qual o movimento reúne a “[...] interação do espaço de fluxos na internet e as redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados [...]” (CASTELLS, 2013, p. 160) e assim “o espaço da autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede”. (CASTELLS, 2013, p. 161).
- c) Os movimentos são simultaneamente locais e globais: são locais, pois constroem suas próprias redes e seu próprio espaço público de ocupação dos espaços. São globais também, pois ampliam o debate na internet e convocam à participação contínua, conjunta e simultânea.
- d) Eles geram suas próprias formas de tempo: o tempo atemporal. Os movimentos vivem o momento dos lugares ocupados e, ao mesmo tempo, o horizonte dos processos contínuos e a projeção de futuro.
- e) Os movimentos são espontâneos em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação.
- f) Os movimentos são virais: seguem a lógica das redes na internet.
- g) A passagem da indignação à esperança realiza-se por deliberação do espaço de autonomia: movimento autogovernado pelos participantes. As redes horizontais criam companheirismo.

- h) A horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal.
- i) São movimentos profundamente autoreflexivos: questionam-se permanentemente sobre que tipo de democracia e sociedade estão almejando.
- j) Os movimentos raramente são programáticos:
- k) São movimentos voltados para a mudança dos valores da sociedade.

O papel da comunicação é fundamental para a conectividade e ampliação das redes. Nas manifestações sociais não foi diferente, “em nossa sociedade, a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio” (SANTAELLA, 2013, p. 130).

Com estas observações de Castells, é possível perceber que o uso das tecnologias móveis foi fator fundamental para a ampliação da informação e da formação destas redes de manifestações. As características apontadas acima nos fazem compreender como se consolidaram esses movimentos sociais durante as manifestações. Para Malini e Antoun (2013) a “[...] atividade militante contínua de ver e difundir fatos em multicanais é reportada por “blogueiros de rua” conectados através da Internet 3G e *wireless*”, salientando também a importância das tecnologias móveis de comunicação e informação para informar o que estava acontecendo em tempo real nas manifestações ocorridas.

Agora, o que nos objetiva compreender é de que forma se deu esse uso das tecnologias móveis de comunicação e informação nesses processos. Nossa observação ocorre de forma a tentar compreender como a informação foi comunicada pelos manifestantes.

MANIFESTAÇÕES E REDES SOCIAIS MÓVEIS

A internet ampliou globalmente as possibilidades de mobilização dos ativistas de forma geral, amparados nas premissas de democratização da informação e liberdade de expressão, e que estão sempre em busca de apoio a causas de diferenciados tipos. Mas, ampliou não apenas as possibilidades de grupos determinados em busca de apoio para alguma causa: ela também ampliou a possibilidade de mobilização da sociedade em geral.

Com os sites de redes sociais, espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet, a interação e a amplitude das possibilidades de comunicação abriram novo espaço para que os indivíduos pudessem produzir e compartilhar informações com outros.

Esta possibilidade foi utilizada de forma ampla nas manifestações ocorridas no Brasil no mês de junho de 2013. As manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus começaram na cidade de Porto Alegre, e logo todos os 27 estados brasileiros passaram a realizar algum tipo de manifestação. Durante o mês de junho, quase 1,5 milhão de pessoas saiu às ruas para protestar.

Figura 1: Foto Jornal O Globo



Fonte: Jornal O Globo

O que antes não era possível, não de forma tão ampla, a internet e os sites de redes sociais conseguiram proporcionar. Antes deles, o sistema de mídia ligava as pessoas a grandes agências e ao centro de poder desta mídia de forma vertical, “mas, nunca uns aos outros. Agora, o fluxo horizontal, de cidadão para cidadão, é tão real e consequente como o vertical” (ROSEN, 2012, p. 14)⁴.

Essa possibilidade permite que a informação possa ser filtrada, administrada e manipulada por nós. Para Jenkins (2006) isso só é possível porque vivemos no mundo da convergência das mídias no qual “toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia” (JENKINS, 2006, p. 27). E dessa forma a circulação dos conteúdos depende da participação ativa dos consumidores, neste caso, colaboradores.

Enquanto as pessoas buscam sua própria agenda em compartilhar e discutir o conteúdo de mídia, elas estão ajudando a espalhar as sementes - transformando mercadorias em presentes, transformando textos em recursos, e afirmando a sua própria expansão das capacidades comunicação. (JENKINS; FORD; GREEN, 2013, p. 292)

Esse processo foi perceptível durante as manifestações. Boa parte das informações produzidas e distribuídas nos sites de redes sociais era originária dos indivíduos que estavam nas ruas protestando, ou acompanhando o movimento. E esse fato acabou por movimentar as produções de mídias tradicionais, que no início dos protestos se manteve praticamente calada sobre o que estava acontecendo. Com o volume sempre crescente das manifestações, cerca de 20 mil pessoas no início do mês de

⁴ Tradução da autora: Now the horizontal flow, citizen-to-citizen, is as real and consequential as the vertical one

junho e mais de 1,5 milhão no final do mesmo mês⁵, as mídias não puderam mais fingir que nada estava acontecendo. Com a força das redes sociais na internet, as informações sobre os fatos foram cada vez mais se expandindo entre os indivíduos transformando-se em um conteúdo viral, levando, neste caso, à perda de controle pelas grandes empresas midiáticas.

Com um conteúdo produzido diretamente das ruas e divulgado através de sites de redes sociais como *Twitter* e *Facebook* em tempo real, e organizadas por meio de *hashtags* – como *#vemprarua*, uma das mais fortes – as manifestações passaram a se coordenar e tomar uma amplitude ainda não vista em movimentos organizados por meio da web no Brasil. Essa organização foi fundamental para o crescimento dos protestos. “Plataformas de mídia social podem se tornar colaborativas quando adicionam uma camada extra de coordenação” (HYDE et al., 2012 p. 53)⁶. Elas auxiliam a direcionar o indivíduo à colaboração sobre determinado conteúdo convidando os indivíduos à colaborar com informações.

Figura 2



Fonte: Twitter – 20 de junho de 2013

⁵ Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Cidades_participantes_dos_protestos_no_Brasil_em_2013

⁶ Tradução da autora. Social media platforms can become collaborative when they add an additional layer of coordination

Figura 3: Hashtags mais usadas no Twitter – Junho 2013



Fonte: UOL notícias⁷

Assim como no Brasil, as redes sociais na internet podem ser consideradas as grandes impulsionadoras das manifestações também ao redor do planeta, como na Turquia, Espanha e EUA. No Brasil a maioria dos eventos foi organizada via Facebook e acompanhada pelo Twitter em tempo real.

Figura 4: Página do Facebook convocando as pessoas para participar das manifestações no Rio de Janeiro



Fonte: Facebook

⁷ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/bbc/2013/07/11/analise-do-uso-do-twitter-revela-mapa-de-protestos-no-brasil.htm#fotoNav=5>

O uso dos celulares durante as manifestações proporcionou uma amplitude na divulgação das informações dos protestos. O professor Fabio Malini (Labic-UFES) destacou em entrevista ao site UOL Notícias⁸, que o mapa dos tweets sobre o protesto – feito com 10% da amostra – continha dados de localização, dados estes muito parecidos com a configuração de acesso à banda larga no país.

O acesso à internet 3G era fundamental para registrar e dar visibilidade ao protesto. Os movimentos sociais aprenderam que a internet é estratégica para dar força de comoção às suas lutas. Em compensação, todo um conjunto de protestos foi eclipsado pela falta de acesso a banda larga e rede 3G de qualidade. (MALINI, 2013)⁹

Para driblar o problema de acesso à rede 3G durante os protestos, os manifestantes distribuíram cartazes digitais pelas ruas das cidades solicitando que as pessoas liberassem o acesso Wi-fi de suas casas para ajudar os manifestantes na divulgação de informação através de seus telefones celulares.

Figura 5: Cartaz solicitando a liberação da rede wi-fi



Fonte: Facebook

⁸ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/bbc/2013/07/11/analise-do-uso-do-twitter-revela-mapa-de-protestos-no-brasil.htm#fotoNav=5>

⁹ Entrevista concedida em 11 de julho de 2013 ao site UOL Notícias.

Figura 6: Pessoas liberando o wi-fi de suas casas durante as manifestações em Porto Alegre



Foto: Breno Maciel

Com estes apontamentos é possível observar que toda essa mobilização em prol de um sentimento em comum gerou mais do que uma amplitude das redes sociais na internet, ela mobilizou pessoas a levar em tempo real informações diretamente de seu telefone celular para sites como *Twitter* e *Facebook*. Essas constatações nos levam a enfatizar que neste ponto as manifestações se tornaram redes sociais móveis, pois os indivíduos utilizaram essas tecnologias móveis (telefone celular e wi-fi) para potencializar e fomentar o espaço virtual das redes na internet com informações e por meio destas tecnologias se comunicarem com outros manifestantes para saber o que estava acontecendo nos protestos em outros locais das cidades. Isto não seria possível sem o uso dessas tecnologias móveis de comunicação e informação.

Como vimos no início deste artigo, as redes sociais proporcionam a troca de capital social entre os indivíduos e toma esta troca como um dos fatores inerentes ao desenvolvimento dessas redes. Com as redes sociais móveis o capital social é também almejado. Quando o indivíduo interage e publica informações sobre os fatos que estão ocorrendo nos protestos, ele busca reconhecimento. É ao mesmo tempo um processo de cooperação e competição com o outro, que serve como motivação para cada vez mais difundir informações na rede.

No caso da rede social móvel formada pelas manifestações, o capital social gerado compreende todas as formas de como o capital pode ser conquistado, descritas por Bertolini e Bravo (2004): ele é relacional porque envolveu todos os indivíduos que estavam conectados, somando as relações em prol de um interesse comum. Ele também é normativo, pois o uso de *hashtags*, por exemplo, criou uma ordem na

divulgação de informações. Quem estava participando usava essas *hashtags* para identificar que fazia parte do movimento. O capital dessas redes também foi cognitivo, pois compreendeu todas as informações geradas pelos manifestantes nestas redes, que além de informar também se utilizavam das informações de outros para observar o andamento do protesto. O capital gerado nessa rede social móvel foi voltado para a confiança no ambiente onde estavam sendo organizadas as manifestações, onde as regras da interação entre os participantes eram orientadas via páginas de organização das manifestações no *Facebook* e geraram um nível de cooperação bastante alto.

A reciprocidade foi observada na troca horizontal entre os manifestantes. As informações e interações geradas mobilizaram a organização dos grupos, ampliando cada vez mais as manifestações, e desta forma potencializando os laços sociais – fracos – entre os indivíduos que se identificaram com esses movimentos sociais e passaram a fazer parte deles. Essa reciprocidade também gerou reputação entre aqueles que mais produziam e distribuíam informações sobre o movimento. A busca de visibilidade é inerente ao indivíduo em sociedade; nas redes sociais na internet, quem tinha a possibilidade de publicar uma informação no momento em que o fato estava acontecendo certamente passou a conquistar maior visibilidade em relação às informações sobre as manifestações.

O contexto social foi ampliado pela possibilidade que as redes sociais móveis trazem na potencialização da interação e da difusão de informações. O uso de sistemas de geolocalização também atribuiu significado aos locais das manifestações. Os indivíduos conquistavam maior visibilidade ao divulgar os locais onde estavam acontecendo os protestos. As categorias apresentadas por Castells, vistas neste trabalho, mostram-nos como essas tecnologias móveis de comunicação e informação foram fundamentais na ampliação dessas manifestações, não apenas no Brasil, mas nos protestos ocorridos nos demais países. Castells (2013, pp 166-167) salienta que “Nem a internet nem qualquer outra tecnologia pode ser a fonte da causação social”; elas surgem dos anseios da sociedade por modificações políticas e sociais. No entanto, ele ressalta que “a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio” sendo estas “componentes indispensáveis na prática e na organização desses movimentos tais como existem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento das tecnologias móveis, através de telefones celulares e redes de internet sem fio, as redes sociais móveis estão cada vez mais emergindo na sociedade atual, mostrando que outras formas de agrupamento em locais podem ser construídas, possibilitando uma nova apropriação dos espaços urbanos.

Como foi possível compreender neste artigo, as manifestações sociais ocorridas nos permitiram observar que o uso de telefones celulares, wi-fi e sistemas de geolocalização foram fundamentais para a amplitude dos protestos em redes sociais na internet e nas ruas das cidades. Estas constatações foram observadas no uso que os indivíduos faziam desta ubiquidade tecnológica possibilitada pelos dispositivos móveis durante as manifestações, e que ajudaram na difusão das informações em tempo real. Os movimentos se espalharam de forma contagiante em um mundo conectado pela internet sem fio. Esses movimentos, como todos os outros movimentos sociais, trazem consigo a marca de sua sociedade (CASTELLS, 2013). Assim, com a amplitude de possibilidades que a tecnologia permite, o uso desses dispositivos móveis não seria uma novidade durante os protestos.

Essas tecnologias de comunicação e informação marcam a sociedade atual como dispositivos importantes para a interação e produção de informações. Durante as manifestações, o que se pode ver foi o uso quase massivo dessas tecnologias para que as redes sociais na internet pudessem ser alimentadas com fotos, informações, vídeos sobre o que estava acontecendo no momento. Isto gerou uma comoção entre os indivíduos que saíram às ruas para se juntar aos demais sem, muitas vezes, saber o porque, qual o motivo dos protestos; mas sentiam a necessidade de estar lá, de fazer parte.

Todos esses processos nos permitiram observar de forma real a formação dessas redes sociais móveis, que romperam as barreiras das geografias estáticas da rede e foram aos espaços urbanos, tornando-os híbridos para que a veiculação das informações pudesse ser realizada.

Artigo recebido em 14/01/2014 e aprovado em 20/03/2014

REFERÊNCIAS

BERTOLINI, Sandra; BRAVO, Giacomo. **Social capital a multidimensional concept**. Disponível em: <http://www.ex.ac.uk/shipss/politics/reseaech/socialcapital/other/bertolini.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **The forms of capital**. Tradução de Richard Nice. Originalmente publicado em: "Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital" in *Soziale Ungleichheiten. Soziale Welt, Sonderheft 2*. p.248-257. Disponível em: <http://econ.tau.ac.il/papers/publicf/Zeltzer1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013

BOYD, Danah. Participating in the always-on lifestyle. In: HYDE, Adam et al. *the social media reader*. New York; London: New York University Press, 2012.

CASARE, Sara J. **Uma ontologia funcional de reputação para agentes**. 2005, Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3141/tde-22052006-221632/>. Acesso em: 07 jul. 2013

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

HYDE, Adam et al. *The social media reader*. New York; London: New York University Press, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora ALEPH, 2006.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Spreadable media: create value and meaning in a networked culture**. New York; London: New York University Press, 2012.

LEMONS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.). **Comunicação e mobilidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilizações nas redes sociais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

MANOVICH, L. **The poetics of augmented space**: learning from Prada. 2005. Disponível em: <http://www.alice.id.tue.nl/references/manovich-2006.pdf>. Acesso em: 20 set. 2013

PELLANDA, Eduardo C. **Internet móvel**: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Porto Alegre, PUCRS, 2005.

RECUERO, Raquel da C. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

ROSEN, Jay. The people formerly know as the audience. In: HYDE, Adam et al. **The social media reader**. New York; London: New York University Press, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.